



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

20 de Junho de 2009 • Ano LXVI • N.º 1703
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

BENGUELA

Padre Manuel António

Caminho certo

ESTAREI na Casa do Gaiato de Benguela, quando vossos olhos pousarem nestas linhas. Partilho convosco as palavras que levo no meu coração: «Reparte o teu pão com os famintos e os indigentes; e agasalha com as tuas vestes os que não têm com que se cobrir». É o caminho certo que leva a bom termo todos os nossos projectos. Vamos experimentar. Quando falamos do pão, tocamos no que é necessário para a vida digna, humana, feliz.

Como fruto do amor familiar autêntico, vivi, há dias, momentos muito felizes. Foi a festa do baptismo do Manuel, aquele pequenino da Casa do Gaiato de Benguela, acolhido pelo casal Dr. Paulo Dias e sua esposa Dr^a Constança, com os cinco filhos. Foi uma maravilha! O pequeno, já curado da doença grave da coluna, esteve sempre no centro da festa, como filho muito amado e querido. É o heroísmo do amor! Estes testemunhos são uma fonte de energias novas para o nosso caminho. Quando o pai e a mãe dão a vida pelos filhos do seu sangue, a lei da natureza está também presente. O contrário seria uma anormalidade, como infelizmente acontece, muitas vezes. Porém, ser pai e mãe, com todos os deveres e direitos, dos filhos que não são fruto do seu sangue, é uma vocação exclusiva do amor. Esta fonte gera laços mais seguros que o próprio sangue. Quem dera este filho aproveite a riqueza humana e divina que tem ao seu alcance!

Ontem, outro momento muito rico. Foi o encontro com a Olímpia e o Américo, mais os filhos, em sua casa, na fronteira norte de Portugal. O casal acompanhou o nascimento da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Os filhos nasceram lá. As festas que levaram a Casa do Gaiato a muitos centros urbanos daquela região foram sempre organizadas pelo Américo e a colaboração da esposa. Por isso, este regresso às origens encheu-nos de alegria. A presença da fonte foi tão comovedora que gerou o desejo de voltar a ver o que deixaram e o novo que, entretanto, apareceu. São horas cheias de esperança que semeiam mais confiança no caminho do futuro. Como são necessários os encontros familiares! A desagregação da família transformou-se numa chaga social. As grandes vítimas inocentes são os filhos. É urgente buscar o remédio para este mal. O fermento das famílias unidas, a irradiar felicidade e segurança, é um remédio eficaz, mas lento. A experiência vivida nestas horas familiares, em que a fidelidade e a unidade foram postas à prova, mostra onde está a autêntica felicidade do lar. Quem dera não faltem a estabilidade e a unidade da família! Com a mesma alegria posso falar doutros lares nascidos das Casas do Gaiato. Alguns dos seus membros são pedras importantes na vida das comunidades.

Há dias, na recepção dum grupo de visitantes da nossa Casa, surgiu esta pergunta: «Quantos padres vieram dos rapazes da Casa do Gaiato?» — Nenhum, respondi serenamente. O Pai do Céu sabe tudo e pode tudo, também. Contudo, a nossa grande alegria está na missão cumprida de os ajudar a preparar-se para ser bons pais de família. □



AS OBRAS NA CASA-MÃE

Padre João

DEPOIS de longos meses em obras, estão quase concluídas. Acompanhadas, desde o início, por um serviço de segurança de empresa da especialidade, aconteceu que muitos dos nossos amigos e visitantes, ao vir até nós se depararam com uma vedação exigida por lei, como é óbvio, pelo que ficaram durante longo tempo privados de entrar naquele espaço e meditar nos ensinamentos a quem a Casa pertence e tem como seu Senhor, o Padre Américo e o Senhor Jesus a quem Pai Américo procurou sempre servir nos seus amigos: os mais pobres e abandonados.

Agora, ao entrar nela pode parecer algo diferente e, até, com alguma imodéstia... não esteve nem estará no nosso horizonte tal perspectiva. O Padre Américo, que muitos de nós não conhecemos senão pelo vigor da sua palavra escrita e da sua voz original, amava o bom e o belo como remédio para quem chegava ferido pela miséria e como terapia para os pequeninos de alma esfarrapada pelo abandono.

A casa-Mãe desta Casa, podemos dizê-lo, desde aquele maravilhoso torreão emoldurado pelo seu longo varandim faz-nos intuir o horizonte do verdadeiro pedagogo que proíbe como método educativo, espreitar, mas sim, acompanhar; como órbita ocular aqueles que lhe foram confiados.

Procuramos não macular a traça exterior, embora reconhecamos que num ou noutro pormenor não o conseguimos cabalmente. Nada há que contenha a perfeição total.

Interiormente é patente a sua funcionalidade de acordo com as normas emanadas pelas entidades que super-entendem a segurança de um edifício em todas as suas vertentes educativas, física, passando pela alimentar e não esquecendo a pessoa deficiente... Lá em cima continua intacto o quarto de Padre Américo, há muito transformado em local de Oração e Meditação...

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Desabafo

NÃO basta que a gente se dê, se entregue, se vá até ao desgaste final, por uma causa a que poucos ligam importância, mas de que alguns gostam de falar, para parecerem importantes. Não basta que se parta de um acto de Fé e se lance ousadamente ao trabalho, confiando em Deus acima de tudo, mas tudo fazendo para tornar materialmente possível aquilo que é urgente fazer. Como não basta apregoar, na Assembleia das

Nações e dos países, os direitos das crianças, fazê-los escrever nos livros das Escolas, para que estas saibam aquilo a que têm direito, porque ninguém lhes liga, a começar pelos próprios pais.

Não basta que a gente viva pessoal e intimamente o dia a dia, com as suas tristezas e angústias, pelos desvios daqueles que o mundo rejeitou e que por isso mesmo amamos com um amor substitutivo não humano, mas do próprio Deus.

Acreditamos que sem Ele nem nós teríamos capacidade de amar nem as crianças seriam amadas.

Não basta tudo quanto se possa fazer, porque permanecerá uma insatisfação atroz, porque nunca se faz tudo o que é necessário, mesmo que o dia tivesse a passar de vinte e quatro horas. É o fruto de todas as limitações pessoais, que mesmo sendo poucas serão sempre grandes. Sobretudo se o patamar sobrenatural se solta, com o peso do fardo que levamos aos ombros.

É o perigo de nos entusiasmar-mos com o trabalho e não olhar às amarras que a sociedade nos arma aos pés. Um país que se organiza ou está a organizar-se, há muito se diz um Estado de Direito. Mas atreva-se alguém a falar no que está torto! E quem se tem de endireitar

são sempre os mais pequenos, os que nunca tiveram direitos. São os pequenos negociantes de esquina ou de rua, que não ganham para comer. São os agricultores, os mais de setenta por cento de Moçambicanos que vivem do campo, que têm de trabalhar, para exportar e o Estado ganhar divisas. Que interessa se não conseguem ter para comer melhor, se nunca comeram. São as Obras que tratam dos abandonados, dos mutilados, dos órfãos da sociedade, dos velhos já gastos, digamos dos detritos sociais, para dizer tudo. Quem o faz tem de estar dentro do direito. Se estrangeiro, devidamente autorizado e obrigado a prestar contas do seu trabalho.

Por impedimentos variados, que

aqui já têm sido referidos, tivemos de pedir permissão ao Ministério de Estrangeiros e Cooperação, para adiar por três meses os nossos relatórios. Só depois será concedida a licença de trabalho, por mais dois anos. Ai que se eu me visse sozinho neste trabalho, teria de entregar de bandeja os Rapazes e tudo o que está feito para o bem deles e virar costas. Já uma vez aconteceu. Graças a Deus que somos uma equipa, que não tem as indisposições que só aparecem num velho gasto e cansado. Mesmo assim, se não me dou por satisfeito com o que me fazem fazer, ainda menos com o que vou fazendo, ou que vem a seguir. Senhor que eu não me canse de servir-Vos. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FAMÍLIA DO EX-ENCADERNADOR — Já vos falamos aqui, em tempos, de um ex-encadernador e da sua esposa. A saúde desta vai muito mal, o que também não está a ajudar nada à evolução da doença neurológica degenerativa que ele tem. Da última vez que passamos por lá a esposa tinha acabado de sair outra vez, de urgência, para o hospital, situação que afectou o frágil estado psicológico do marido, agora que um e outro estão na casa de uma nora que os vai cuidando. Continuaremos a passar por lá para ir fazendo o que estiver ao nosso alcance para ajudar este casal e quem cuida dele.

FESTA DOS IDOSOS — No Domingo passado (7 de Junho), a nossa Conferência Feminina (para já ainda há esta "separação" formal, mas já está cada vez mais próximo o dia em que deixará de ser assim), como é sua (boa) tradição há vários anos, organizou a Festa dos Idosos. Às quatro da tarde, houve missa celebrada pelo Rev.mo Pároco, Sr. Padre Sousa Alves, que não se cansou de dizer dever ser esta uma tradição a nunca perder nesta terra. Houve uma presença numerosa dos idosos que puderam deslocar-se pelo seu pé, ou com a ajuda doutros. Seguiu-se uma deliciosa merenda, animada com boa disposição e bonita música tradicional tocada por membros do Grupo de Cavaquinhos de Paço de Sousa. Também, como de costume, os Bombeiros ajudaram no transporte de alguns idosos.

MAIS UMA ACHEGA SOBRE A RELEVÂNCIA DAS CONFERÊNCIAS VICENTINAS — Na Festa Diocesana da Solidariedade realizada no passado dia 2 de Junho, na Casa Diocesana de Vilar, com organização do Secretariado da Pastoral Social e Caritativa, foram divulgados resultados preliminares de um recenseamento das organizações de acção social da diocese que está a ser feito por este secretariado, em colaboração com a equipa do Mestrado em Economia Social da Universidade Católica - Porto. Esses resultados confirmam, com números, uma realidade que já conhecíamos: as Conferências Vicentinas são, de longe, as organizações de acção social presentes em mais paróquias da diocese (mais de 330 conferências para um total de 477 paróquias). Claro que ainda há necessidade de mais conferências e é preciso que as que existem funcionem cada vez melhor, mas não restam muitas dúvidas que o trabalho de acção social da Igreja, que consista numa relação permanente de proximidade com quem precisa de ajuda, terá que contar principalmente com as Conferências Vicentinas. Como disse na altura, e bem, o Sr. D. Manuel Clemente, não há verdadeira iniciação cristã sem envolvimento activo no trabalho de acção social. As Conferências Vicentinas têm sido, e podem e devem continuar a ser, boas escolas para essa iniciação.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — As infestantes, em especial a junça, têm atacado fortemente as nossas terras. Com alguma chuva, na horta, o cebolo ficou cheio de ervas. Nos dias antes da festa do Corpo de Deus, como as ervas daninhas tinham crescido muito, nos arruamentos da nossa Casa, andou-se com uma máquina a limpá-las. Também se deu um arranjo na relva e nos arbustos de alguns jardins.

O serviço veterinário, da zona, veio, a 2 e 8 de Junho, à nossa exploração, tratar da revacinação e das marcar auriculares, dos ovinos e bovinos.

VEÍCULOS — A carrinha e o carro ligeiro, com muitos quilómetros de serviço, tiveram de ir às respectivas garagens, para reparar algumas avarias. Há muitas deslocações a Coimbra, principalmente para as consultas dos Rapazes e o transporte dos estudantes que se encontram no Lar do Gaiato de Coimbra. As facturas foram pesadas...

ANIVERSÁRIO — A 6 de Junho, o Carlos Gonçalves fez 21 anos. Tirou o curso de ajudante de cozinheiro. Muitos parabéns!

ESTÁGIOS — Alguns Rapazes que frequentam cursos de formação profissional, estão a fazer os seus estágios, em empresas da zona: Ricardo Pelen-gana, Serralharia (9.º ano), Rúben Silva, Jardinagem (9.º ano) Bruno Silva, Informática (9.º ano), João Pelengana, Cozinha (10.º ano), Rúben Fonseca, Instalações Eléctricas (12.º ano).

LAR DE COIMBRA — No início de cada mês, os professores voluntários e o professor destacado reúnem para analisar a situação escolar dos Rapazes que estudam nas várias Escolas de Coimbra. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquinho-Zé

ENCONTRO/CONVÍVIO ANUAL — Como é hábito, vamos realizar mais um encontro/convívio anual, na nossa Casa de Miranda, no dia 28 de Junho, com o programa que se segue:

9h00 — Acolhimento (Pagamento de quotas e assinatura d'O Gaiato);

10h00 — Eucaristia Dominical;

11h00 — Assembleia-Geral;

13h00 — Almoço volante (O Nuno Martins, filho do Agostinho, oferece um porco assado no espeto); Tarde de Convívio;

17h00 — Merenda partilhada (apela-se a todos os associados o habitual contributo com salgados, doces e bebidas); Despedida

Mais uma vez apelamos à participação de todos, bem como de algum antigo gaiato que conheçam e que ande arredado do nosso convívio. Incentivemo a tornar-se sócio desta nossa Associação. Relembramos que podem visitar a nossa página na Internet no sítio <http://gaiatoscentro.no.sapo.pt> ou enviarnos um e-mail para o endereço aagfc@sapo.pt. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Mais um convívio em Família. E mais uma vez, com os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, agora, em terras sadinas.

Saímos de Paço de Sousa na sexta-feira, ao fim do dia. Fomos directos para a Casa da Arrábida, onde pernoitamos. À nossa espera, estavam dois Rapazes: o Sérgio e o Fabinho. Muito queridos, muito simpáticos e atenciosos!

Toda a viagem correu bem e muito bem, correu a nossa estadia em Setúbal. Tivemos tratamento VIP. Quando lá chegamos — já não era cedo — tínhamos as caminhas feitas e no dia seguinte, quando acordamos por volta das 10h00 da manhã, os nossos Amigos tinham o pequeno-almoço prontinho e recheado de coisas boas. De seguida, os nossos Rapazes foram até ao Portinho, e por volta do meio-dia, já que o «Pretinho» não tinha relógio para ver as horas, viemos para Algeruz depois de atravessarmos a serra, apreciando toda aquela fantástica paisagem.

Quando chegamos à quinta, fomos

recebidos pelo nosso Padre Júlio, sempre ele!, e logo de seguida, por toda aquela gente, que já estava à nossa espera para o tão desejado almoço.

Em relação ao jogo não correu mal. Ninguém se magoou, não houve qualquer desentendimento — antes, durante e depois do jogo — mas teve como protagonista, um árbitro que soube cozinhar muito bem o «petisco» que mais lhe agradasse...! Antes do jogo deu a volta ao rectângulo a passo de caracol, como que a dizer que também sabia dar a volta ao resultado de vagar... devagarinho, se fosse preciso; e ao mesmo tempo, para que toda a gente o visse bem, e não o confundissem com os Rapazes. E realmente assim aconteceu! Ninguém o confundiu.

Estivemos a ganhar 0-1 e 0-2; Setúbal fez 1-2 e Paço de Sousa o 1-3. Depois, o «árbitro» e a nossa falta de concentração, encarregaram-se do resto. Afinal o nosso Paulo «Mudo», sem curso nenhum, não é assim tão mau! Resultado final: 5-3. É certo que, no conjunto dos golos marcados

nos dois jogos, ficaria: Paço de Sousa 8 — Setúbal 6. Se tivéssemos em conta que em nossa casa empatamos 3-3, mas tivemos a «gentileza» de marcar dois golos na nossa própria baliza.

Mas para nós tudo bem. A vitória ficou em casa e o que é preciso é conviver, juntar a Família e o jogo é jogo. Para o ano há mais se Deus quiser. Não é por causa de um jogo de futebol, e muito menos pelo facto do resultado não nos ser favorável, que nós vamos deixar de conviver uns com os outros. Era o que faltava! Só pode ganhar um...! E neste caso, ganha sempre o Gaiato!

O nosso campeonato está a chegar ao fim. Mas também já vamos no vigésimo quinto jogo; fora treinos e jogos não considerados oficiais. Talvez por isso, um jogo menos bom, não nos afecta psicologicamente. Os campeões, daqueles campeonatos onde se gastam milhões, também perdem!...

Antes de terminar, é bom que se diga que no fim do jogo, foi-nos oferecida uma merenda preparada pela D. Conceição. Depois, foi só ver qual o caminho mais directo e mais rápido em direcção a Paço de Sousa. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

DIADA DE PAIAMÉRICO — Como já noticiado na edição anterior, será no Domingo, 19 de Julho de 2009, o encontro/convívio dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte. Queremos que seja uma festa simples, mas de profundo estreitamento dos laços fraternais entre as várias gerações de gaiatos. Como disse Padre Telmo, no ano passado, «somos uma Família grande», mas a presença de todos, fará de nós uma grande Família. Vem e dá o teu testemunho vivo da Obra da Rua.

Este ano, esperamos uma grande adesão, por isso, queria apelar muito encarecidamente a todos, que nos façam chegar as suas confirmações com o número de familiares para podermos preparar o almoço com o número certo de pessoas, pois somos contra todos os desperdícios. Cada família deve trazer um bolo para partilhar a sobremesa por todos.

Os contactos são 912 163 569 ou 917 414 417, ou directamente para a Casa do Gaiato, 255752285.

LOJA SOCIAL — Continuamos a receber dos nossos amigos e benfeitores algumas encomendas, como objectos de decoração e têxteis-lar, livros, quadros, medalhas, brinquedos e colecções diversas, etc. Damos

nota dos seguintes benfeitores: Manuel Pinto de Paço de Sousa e Maria Delfina Guerra de S. Mamede de Infesta. Agradecemos também a oferta de um moinho de café, que tanta falta nos fazia para o nosso bar por parte do sr. Luís Cepeda, da ACEL de Penafiel.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Registamos já o sócio n.º 200, a Paula Alves, de Penafiel, assim como o João «Aranha», a esposa e a sobrinha Sara Raquel. Também o «Fininho» que foi da Casa do Gaiato de Lisboa.

Sejam todos bem-vindos, pois a associação será o que todos juntos fizermos por ela.

Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado das cotas para o ano de 2009.

Todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contacta-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417.

GRUPO DESPORTIVO — Queremos fazer uma jornada desportiva no dia de Pai Américo, com os mais novos. Assim, Convocam-se os antigos gaiatos para comparecer aos treinos, aos Domingos da parte da

manhã, nas instalações desportivas da Casa do Gaiato.

Tivemos já uma subida ao pódio pelo nosso «Tó Manel» na prova de atletismo de Valpedre-Penafiel. O nosso objectivo não é a competição pura, mas sim, a ocupação dos tempos livres com a promoção de actividades saudáveis, aliadas ao aspecto lúdico da prática desportiva.

SEDE — Continuam as visitas. Damos aqui nota, da visita do António Terrantez Silva radicado na Povoa do Varzim. Festejamos também o aniversário do Miguel.

Que a sede seja um ponto de encontro e sirva para estreitar os laços fraternos e de solidariedade entre todos. Faz a tua visita, e relembra os teus tempos passados na Casa do Gaiato.

ACTIVIDADES — Continuam as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho.

No dia de Pai Américo, faremos uma exposição com os trabalhos de pintura já elaborados.

O acompanhamento musical, será também assegurado pelos cavaquinhos e pelas guitarras sob a batuta do Miguel. □

SETÚBAL

Gonçalo Leite

ESCOLA — Já terminou o 3.º período e os nossos rapazes estão desejosos de saberem as notas. Neste período alguns dos nossos rapazes tiveram de subir as suas notas para que passassem de ano. E outros mantiveram as suas negativas. Esperamos que passem de ano e que para o ano trabalhem mais.

MÚSICA — Dois dos nossos rapazes, no dia 6, foram dar um concerto à Sociedade Filarmónica de Santo Estêvão, integrados na Orquestra do Conservatório de Setúbal. Fomos acompanhados pelo Director do Conservatório. Outros rapazes que

fazem parte da Escola de Música da Banda Capricho Setubalense tiveram o Concerto de fim do ano. Os nossos rapazes gostam de dar concertos, e ficaram satisfeitos.

BATATA — Já chegou o tempo de apanhar a batata. O Fernando, primeiro passa com a máquina de arrancar a batata. Depois os nossos rapazes dividem-se em grupos: alguns apanham a pequena, outros apanham a grande e outros apanham a que está estragada. Os nossos rapazes custalhes a apanhar a batata, mas é preciso apanhá-la porque a batata é boa para a nossa alimentação.

ACAMPAMENTO — Quatro dos nossos rapazes foram ao acampamento da nossa Diocese ao Seixal. Fizeram várias actividades sobre o conhecimento de Jesus. Tiveram convívio e momentos de oração com muitos outros jovens. Gostaram muito de ir ao acampamento e aprenderam coisas novas.

FARDOS — A nossa enfardadeira esteve uns dias parada porque avariou. O sr. Renato é que a arranjou e fez com que ela fizesse os fardos a saírem bem feitos. Esperamos que para o ano não haja mais problemas com a máquina. □

REFLECTINDO

Padre Telmo

HOJE o céu é só azul, límpido e sereno! O planalto estende-se a perder de vista. O capinzal parece — podia ser — uma seara loira, ou, então, vitelinhos brincando, leite branco e morno, queijo e iogurte para delícia das crianças. Mas, muito triste!, somente aqui e além, colunas de fumo — cinza, preto e branco — que sobem às alturas. Os insectos acordados pelos estalidos do fogo — voam espavoridos... Esperamos a passarada para o banquete da queimada.

Que seria de Angola se aquela multidão que vegeta, compra e vende tudo o que vem na fila de conteutores empilhados nos grandes barcos que esperam a vez ao longo da ilha para descarregar... Que seria, sim, se com ordem e ordenamento subsistem

pelas margens férteis dos rios até aos planaltos? E lá: Pomares, campos de mandioca, milho, feijão, ginguba e tomate. Ao lado, em vez de fábricas de cerveja — fábricas de conservas. Os barcos que vão vazios — iriam carregados com os nossos produtos.

«Você é mesmo um poeta!»
É mesmo um sonho!
É bom sonhar.

«Porquê meu Deus?» Interroga-se Abbé Pierre — no seu livro com o mesmo nome. E diz: «Porquê tanto sofrimento? Milhares de pessoas viveram quase como animais no medo e necessidade de sobreviver.»

Que diria hoje se passasse pelos campos de refugiados e bairros periféricos das grandes cidades?

Ao pensamento de Abbé Pierre, acrescento: Porquê tantas crianças

nascidas sem Lei e entregues às avós que não têm possibilidade de as sustentar e educar?

Enquanto pequeninas esperam, pacientes, a papa de funge.

Já crescidas, vagueiam pelos bairros.

Uma Lei séria que obrigasse os pais. Pais que se descartam e vivem tranquilos.

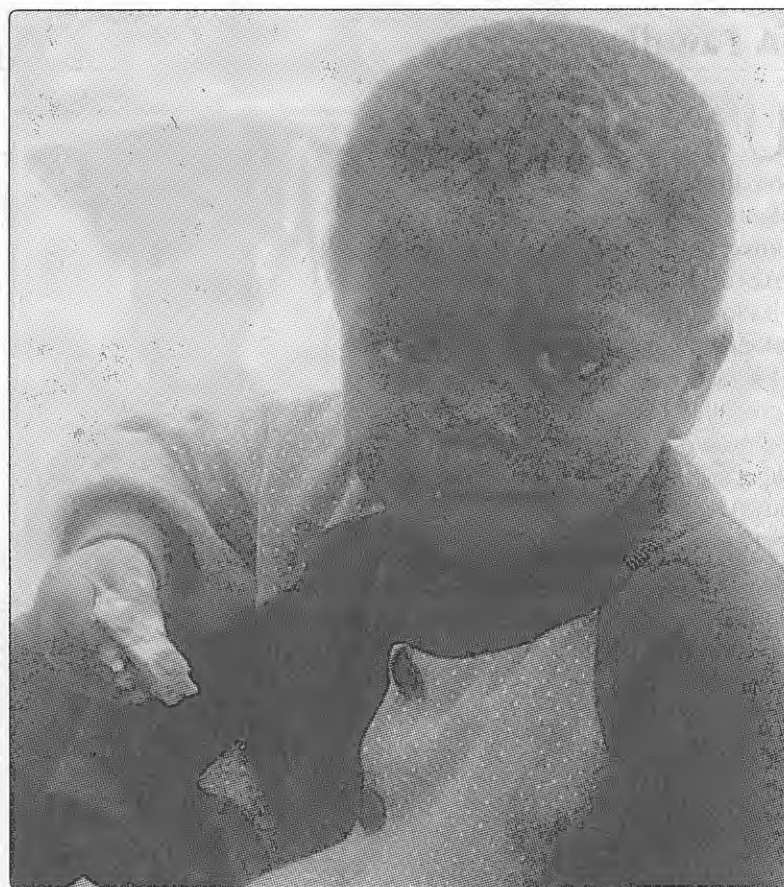
Raro o dia que não nos aparece um caso. A nossa Aldeia não estende.

Mais Casas do Gaiato? Certo. A nossa Europa já não precisa nem quer, será o caminho.

Hoje encontrei na cidade o Miguel — nosso operário que roubou e fugiu — a cuspir sangue... «Deram-me esta receita» e entregou-ma.

Somente os remédios não o vão salvar... Magro, olhos fundos, de receita na mão!

Não tem ninguém — só dele o hábito de roubar... □



MALANJE

Padre Eduardo

Despertar esperanças

MORREU sozinho em seu palácio cheio de espelhos que reflectem apenas a sua imagem, sua única companhia. Tinha acumulado uma enorme fortuna e poder. E todos o invejavam. Um repórter descobriu sua nostalgia: um carrinho com uma criança brincando, feliz, cercado pelo carinho e amor de quem se casa. Todo o dinheiro nunca pôde comprar essa experiência que, um dia, lhe tinha dado a humanidade, essa humanidade que ao longo da sua vida havia sacrificado. Mas todos o invejavam.

É a história de Cidadão Kane. Talvez a história de todas as nossas ilusões. Terminou a semana e pergunto-me o que motiva os nossos filhos a viver e seguir em frente. As suas continuadas visitas ao meu quarto têm, quase sempre, o mesmo propósito: dinheiro. Fazem-me sentir como o Cidadão Kane. E pior, tentar que descubram que o que dá verdadeiramente vida e felicidade é outra coisa, é quase impossível. Como se estivessem convencidos que só chegam a ser alguém se forem como o Cidadão Kane.

No entanto, esta é a melhor maneira de destruir a sua vida.

Atrevo-me a dizer que este é o ar que respiramos na atmosfera de Angola, e como não, a nossa casa. A nuvem de radioactividade que to-

dos nós respiramos. Como nos protegeremos? Como fazer para que este ar letal não nos contamine?

Suponho que tudo depende de como vivemos. E, sobretudo, não desejamos tantas coisas que nos encham a vida superficialmente. Pelos menos, dar-lhes oportunidade de pensar, um dia, que existe outro caminho.

Não entendem quando lho dizemos, provavelmente porque o mundo em que vivem fala de outra coisa, mas também porque nos faltam mais testemunhos. Mas sinto que alguns intuem o que dizemos. Uma pequena luz? É suficiente por agora... Talvez seja esta luz que lhes permitirá descobrir que têm uma história de vida, uma história que pertence somente a eles, a cada um. Por cima de tudo, é a História de Deus, e todas as nossas histórias são repletas de sentido e cabem na mesma História.

Fazer com que a descubram e trabalhem de forma a preencher a sua vida, em todos os sentidos, é a nossa missão.

A semana decorreu com toda a tranquilidade que podemos desejar. Na quinta-feira, agradecemos ao pai da Casa, que esteve de férias. Mokus, um dos nossos pequenos trabalhadores, removeu, com o tractor, um velho tronco, seco, que estava perto

de nossa Casa e albergava uma colmeia. As abelhas voaram por todo lado, perseguindo uns e outros, provocando pânico geral e, claro, foram a diversão de grandes e pequenos, embrulhados em folhas, gritavam loucos por todo o lado. Demos graças a Deus por não haver necessidade de levar nenhum ao hospital. Nós fomos um dos poucos que os seus agulhões respeitaram.

As chuvas vão desaparecendo, pouco a pouco. Apenas um ou outro chuva isolado. Fizemos as primeiras «queimadas»: o feitiço do fogo. Entramos em Maio, começam as preocupações de armazenamento, para nós e para as pessoas das aldeias. Temos que nos preparar para o Inverno, a estação seca entre nós. Em breve, será recolhida a batata e a mandioca. Não irá chover até Novembro e para quem depende dos frutos da terra a vida será mais difícil. Embora não seja muito diferente, os campos vão perder a sua verdura e o pó retornará, envolvendo tudo. É o descanso das terras, aqui no trópico, também seu sofrimento. Todos seguimos este ciclo. O Espírito da Páscoa abre a porta para o tempo dos ventos. Oxalá nos deixemos conduzir por Ele e para onde Ele nos quiser levar.

É final da tarde e o sol está a tomar banho, luz incandescente que ainda é, verde e vermelho no domínio da terra — esta luz que é só de África — ela traz consigo um outro dia, para despertar esperanças renovadas no abraço de cada amanhecer. Mais uma semana nos espera, há que nos por em marcha. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ANDAR pelos lugarejos, aldeias e freguesias mais abandonadas do País ao encontro de gente a viver com dificuldades e obrigada a uma vida de notáveis sacrifícios, dá-nos alguma luz para perceber o seu pensamento que tanto nos choca pela contradição, e que, aos seus olhos, parece um dado adquirido: — *Hoje não há pobres.*

Em ambientes pequenos, onde todos conhecem a vida de cada um, é difícil contradizer estas opiniões porquanto muitos dos que auferem o rendimento social (de inserção?) mais exactamente denominado (rendimento?) mínimo, levam uma vida de ócio quase permanente.

Nas grandes cidades, onde as relações sociais são limitadas, o problema quase nem se põe, por poucos se aperceberem, mas, nos meios pequenos, para pessoas com saúde e capacidade de trabalho, esta situação, aparece simplesmente como uma verdadeira injustiça.

É verdade que todo o ser humano tem direito a viver e, muitas vezes, não encontra trabalho. Tudo muito bem. Para todas as que, sem quaisquer rendimentos, são incapazes de laborar por falta de saúde física ou mental, esta ajuda deve ser considerada um direito e, ninguém acha injusto.

Para as pessoas que podem trabalhar e são carentes, o Estado, pelos seus representantes próximos, como as Juntas de Freguesia ou outros, devia dar-lhes trabalho em vez de subsídio. Pelo menos um trabalho mínimo correspondente ao valor aproximado da quantia recebida.

Respeitava-se assim o direito natural de comer o pão com o suor do rosto.

Quantas Juntas de Freguesia não têm imensas matas, valas e valetas, ruas e jardins para limpar, passeios e caminhos a consertar etc.? Trabalhos simples e intuitivos, facilmente assimiláveis a pessoas pouco instruídas ou mesmo sem hábitos de trabalho.

Não se poderia dar logo oito horas. Dava-se quatro, ou cinco ou mais, se conveniente. Haveria uma hora e um local para as pessoas se juntarem e dali partirem para o sítio indicado. Esta prática diária criaria uma disciplina indispensável, favoreceria o autodomínio, servindo, também, a auto-estima.

Poder-se-ia até tomar empreitadas para particulares. Hoje há tanto mato para cortar e tanto incêndio provocado pela falta de limpeza florestal!...

Isto exigiria a criação e desenvolvimento de chefias para grupos pequenos de pessoas para melhor ajuda e correcção, mas ocuparia também a gente desempregada com capacidade de liderança.

Eu sei que é muito mais fácil ao Estado, dar subsídio do que trabalho. Mas este, seria socialmente muito mais rendoso do que aquele.

Evitar-se-ia muita despesa em policiamento, tribunais e cadeias e num amanhã, muito próximo ver-se-ia um resultado excelente!... Assim pouco se aproveita e... muito se perde.

Muita gente do rendimento mínimo passa a vida nos cafés, criando revolta na que trabalha, descuidando até muitos deveres familiares numa situação de bnguesia deplorável, dando razão aos que dizem não haver pobres.

Há famílias que não trabalhando, não educam os filhos no trabalho nem no estudo, criando assim gerações de parasitas!... pois os filhos recebem dos pais a influência próxima e contínua de uma vida instalada e miserável.

Achei muito estranho que um casal concreto, não quisesse aceitar que lhe mandasse melhorar a casa e construir, gratuitamente, uma casa de banho, ele que só tinha, cá fora, uma sanita para todos, e uma habitação miserável de telha vã. A explicação, cujo fundamento ignoro, foi-me dada por vizinho com quem partilhei tão anormal negativa: *Eles têm medo que lhes tirem o rendimento mínimo!*...

O trabalho é remédio de muitos males!...

A direcção postal do Património dos Pobres:
Lar do Gaiato — Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Manuel Fernandes

Faz sentido advogar os Padres da Rua e as Casas do gaiato que, directamente, nos protegeram, e deram vida!... Mas não faz sentido esquecer que todos eles convergiram à nossa educação com a Doutrina de Pai Américo. Sempre que decidamos Pai Américo, sentimo-nos pequeninos, vamos continuar a decifrar para podermos acumular a nossa dignidade genuína de Gaiatos.

De Moçambique chegam-nos explanações lindas e outras condóidas de Padre Zé Maria. De Benguela, Padre Manuel António, são novidades de «impaciências» para empregos conciliáveis com o domínio profissional de cada Rapaz. De Malanje, vem «serenidade» de um trovador, que só Padre

Telmo sabe verbalizar o que analisa, genuíno, para quem quer e deseja distinguir. Padre Rafael «respinga» com os excursionistas e automobilistas que fazem da Aldeia uma pista de automobilismo incomodando a «quietude» dos Rapazes.

Por tudo isto podemos estar felizes por pertencermos à família dos Antigos Gaiatos de África, sem esquecermos as Casas do Gaiato de Portugal.

O NOSSO ENCONTRO — Mais uma vez olho o calendário. Falo por mim; ainda é Junho!... E o tempo que não corre!... Penso e volto a pensar!... Como parece estúpida esta urgência dos meses do ano!...

É necessário avisar os Antigos Gaiatos de África que o sol volta a brilhar nos dias 5 e 6 de Setembro, tenho pressa.

Pretendo que ninguém se esqueça do nosso Convívio. «Caramba!»... Só quero alvoroçar todos os meus irmãos para que apanhem um pouco de sol brilhante, como é o da estrela da Obra da Rua e Pai Américo, que cintila em Moçambique, Benguela e Malanje. Vamos todos brindar às nossas Casas do Gaiato de África.

Tavares, Júlio e Pinho estão à nossa espera, na casa de praia de Azurara, nos dias 5 e 6 de Setembro. Tens cama!... Leva só o lençol para te tapares e um petisco para o almoço de sábado. □

A Família Angolana

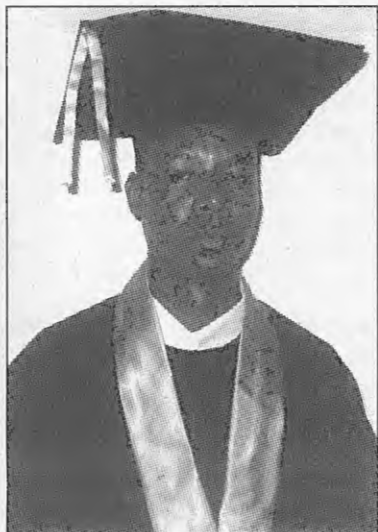
Padre Carlos

UM dia destes, em representação da Casa do Gaiato convidada na pessoa do Padre Manuel António, participei, na Universidade Agostinho Neto — Pólo de Benguela, em acto solenizado, como se depreende da fotografia junta: a licenciatura em Matemática de três jovens com a apresentação e defesa de um trabalho de grupo tendo por tema «A superação dos Professores Primários na formulação de problemas matemáticos na Escola do 1.º nível do Ensino Geral».

Não sei de quem partiu a sugestão do tema; mas agradou-me esta achega à Escola do 1.º nível que prestará um excelente serviço se interessar os seus alunos pela Matemática desde os primeiros passos da sua vida académica.

Naturalmente, um dos jovens em termo de licenciatura, o retratado, é alguém que foi nosso, o José da Silva Simões, agora em transe de maturidade nos seus 29 anos. Aliás, ele foi colhendo experiência docente ao longo destes anos em que exerceu o ensino e pôde assim sustentar a sua condição de também estudante. Uma experiência de duplo efeito que ajudou a formar o homem e se espera frutifique na sua carreira de professor.

Eu já não me lembrava dele; mas recordámo-nos agora que, talvez há uns dez anos, fomos companheiros em uma campanha pouco apetecida pelos rapazes que consistiu na escavação de estrume em currais abandonados nos arredores e no seu transporte para os nossos bananais. Foram várias manhãs e outras tantas camionetas carregadas e a descarregar no seu destino — que só então estava a tarefa finda. Não lhe perguntei se, então, ele era do grupo dos menos bem dispostos; mas, a julgar pelo



presente, penso que talvez fosse dos que compreendiam melhor o alcance do trabalho em que nos empenhávamos (dar de comer à terra que nos dá de comer) e gozasse mais plenamente, à chegada, a frescura do duche, a satisfação do almoço e o regalo da sesta merecida. De qualquer modo, mal não lhe fez nenhum; nem causou estorvo ao projecto a que havia de dar-se e agora concluiu... se é que não deseja ir mais além. Esta Casa já conta um Doutor em Química na Universidade de Luanda.

O Zé Simões esteve connosco num tempo crítico da sua vida familiar, ultrapassado o qual, regressou à companhia da sua Mãe e irmãos. Também a uma irmã foi possível dar apoio nessa época. E é compensador para todos, eles e nós, vermos como aproveitaram esse apoio na própria promoção. Tive ocasião de o constatar no encontro com toda a família que o acto académico proporcionou, ao observar a apresentação e postura de todos eles. Valeu a pena! E é este o rumo certo do progresso e da autonomia da Família angolana: aproveitar oportunidades e

caminhar cada qual pelo seu pé, pelo exercício das capacidades próprias, à conquista de um lugar digno e válido no seio da Sociedade maior a que pertencem.

Depois daquela tarde, conversámos sobre o futuro e o sonho que legítima e saudavelmente há-de ter um homem de 29 anos que atingiu esta meta mercê do seu esforço e do bom senso com que fez render todos os auxílios de que dispôs. Pedi-lhe um depoimento que ilustrasse e personalizasse esta boa notícia. Ei-la, a sua

«Mensagem

Não chega contar apenas com petróleo e diamantes como riquezas de Angola, pois também temos outras, sem esquecer que um dia Angola foi o terceiro país do mundo maior produtor de café. Ou seja, temos ainda muitas áreas que podem ser fonte de riqueza.

E acima de tudo isto, lá está o homem angolano que pouco é valorizado, este homem que tanto sabe lutar com a sua inteligência, mas que no meio do petróleo e diamantes, é inválido.

Nesta, peço e espero que cada dia que passe se dê mais atenção, nunca falte uma mão estendida a este angolano que tanto tem como riquezas, mas sempre e sempre pobre e, senão bastasse, miserável.

E a nós, irmãos, não vacilemos diante das oportunidades que aparecem, desde que seja benéfico.

É necessário libertar-se de colonialismos; é preciso lutar para que este belo País, que se chama Angola, se desenvolva com os seus próprios filhos.

José da Silva Simões. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Na balança

DA Beira Alta, numas tralhas, veio uma balança, que serviu longos anos para a pesagem de produtos da terra, e é uma testemunha qualificada do engenho e equilíbrio do possuidor.

Estávamos a mirar este achado, que também pode fazer pensar os filhos desta Casa, quando, antes de virar o ano anterior, chegou também uma lança de compaixão. Na verdade, recebemos uma missiva afiltiva, de uma «mulher sofrida», da área de Lisboa, da qual não é indiscreto recortar: «Venho solicitar ajuda para o meu filho, de 10 anos. Peço-lhe Sr. Padre que me responda a esta carta e que nela me diga o que eu tanto preciso de ouvir — que nos vai ajudar».

Era impossível passar ao lado desta Madalena. A longa distância e outras preocupações do quotidiano foram, momentaneamente, ultrapassadas para tentar acudir a esta dor.

Uma entidade oficial teve conhecimento do problema do menor e orientou-o para as nossas mãos, também indigentes; que não pudemos lavar.

Ponderada a situação, como habitualmente com os colaboradores mais próximos, depois de encontros prospectivos, encetámos receber o rapazito, temporariamente, para que renascesse a esperança de ambos.

O progenitor tinha-se desligado da criança, quando se ausentou para outro hemisfério. Entretanto, regressou e acabou por ficar com a guarda do garoto. A orientação final dada ao processo visaria o tal interesse superior da criança.

Acontece que a ligação afectiva e efectiva, que verificámos, era realmente com a progenitora.

Em face do desenrolar da nova entrega, o menor deixou-nos. E nós a matutar neste pingue-pongue, em que entrámos, por socorro, também legal, quando ele ia saltando para as margens, da rua. Teve ocasião de se integrar e frequentar a nossa Escola do 1.º Ciclo, cheia de vitalidade e alegria.

No desfecho do imbróglio, chegou-nos de uma interveniente um desabafo: «Continuo a acreditar naquela mãe»...

As crianças e os adolescentes que necessitam de apoio, pelos riscos que correm, encontram maioritariamente acolhimento em Lares de infância e juventude.

Quando se esgotam outras respostas, tem havido sinais de alerta que vão chegando também aos tímpanos da nossa Família. Na época, foi criada, com amor e sacrifício, para os rejeitados, como uma palavra nova. E constatamos que se mantém actual, desafiando ventos e marés, até porque os mais Pobres continuam a exigir-nos proximidade e a promoção da família estável nunca passará de moda.

Entretanto, cruzámo-nos num Tribunal da Estremadura com uma Procuradora do Ministério Público, de cuja formação, exigente, fomos tendo notícias. A maresia refrescou algum tempo de partilha, sobre os espinhos mútuos, na senda da protecção de menores, marginalizados. Quando se trata de decidir a melhor solução, para os filhos e as filhas em desequilíbrio, qual será a resposta certa e até onde poderá ir a intervenção, sobre o menor em risco, num Estado de direito? Os princípios legais orientadores estão em questão e na ordem do dia, por casos mediáticos recentes.

Ser pai e ser mãe é uma experiência viva, crucificante e gratificante. Porque é contínua, vai-se parindo, diariamente... Será que o cordão umbilical se corta, especialmente o da mãe, que pode não ser biológica?

Quando os aflitos pedem ajuda, quem desviar o rosto, perde momentos únicos de se confrontar com Jesus, o Ferido da Vida, que balançou com a cabeça na Cruz, pelas injustiças, até ao extremo, em que Se deixou reclinar no colo de sua e nossa Mãe, das dores. □

AS OBRAS NA CASA-MÃE

Padre João

Continuação da página 1

Não é difícil adivinhar os custos de tal obra, mas esse incómodo pertence ao coração de Deus e guardam-no aqueles que se deixam tocar pela Sua presença redentora na sua vida...

A Casa está pronta. É um belíssimo espaço de acolhimento à criança. Permita Deus que os nossos Rapazes a apreciem e a estimem: é deles, para eles, quem dera descubram no seu íntimo, dinamismo para a estimar e manter, por eles. A sua estreia está prevista para o dia do Encontro Anual dos Antigos Gaiatos, nomeadamente a sua cozinha, onde será confeccionada a refeição do dia em que esta família se reúne para matar saudades. □

SETÚBAL

Padre Júlio

Preocupações da vida escolar

ESTÁ no fim mais um ano lectivo. Seria o momento de reduzir algumas preocupações, mas o que sinto é o contrário. Inquieta-me a vida escolar, por muitas e variadas razões.

No final do segundo período, tinha rapazes com meia dúzia de negativas. Não vão conseguir passar de ano, pensei na altura para mim. Mas, agora que o ano está no fim, trazem sorridentes os papéis

das matrículas que os lançam no ano de escolaridade seguinte.

Como é possível? Não vi nenhum esforço adicional! Falta de seriedade; os rapazes estão a ser criados num ambiente de falta de seriedade. Educar assim?!

Não duvido já que todos façam o 12º ano. De ano em ano as portas abrem-se-ão; a última, essa já não se abrirá para os que agora vão passando sem as devidas competên-

cias, como agora se diz. Estes não conseguirão abri-la para entrar em níveis de ensino superior.

Os rapazes não compreendem o logro em que estão a cair. De pouco adianta chamá-los à razão. Dizem-lhes que todos os percursos têm saída para o ensino superior mas depois faltar-lhe-ão as capacidades para subirem para eles. Só quando de lá se aproximarem perceberão isso. Pena, que alguns poderiam e deveriam lá chegar.

As preocupações estendem-se também a outros aspectos da vida escolar; e, se calhar, novas preocupações virão!...

Os nossos mais pequeninos que já andam na escola, ao contrário, vão-me dando alento. Uns mais lentos, outros mais vivos, enchem de entusiasmo a vida da nossa escola pelo seu gosto de aprender. «Hoje aprendi o ré!», veio o Mamadu dizer-me quando chegou a hora de almoçar. Atrás dele entra o Isafas, e vem mostrar o seu nome escrito num papel: «Fui eu que escrevi!»...

Com simplicidade e como quem brinca se fazem os homens! □

PENSAMENTO

Pai Américo

Acusam-nos de comunista. Sim. Somos comunistas... cristãos. É justamente por isso que, além dos haveres de cada um, respeito também, e muitíssimo, os seus dons espirituais. A liberdade é o maior. Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama feliz àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgredir. (...) Sim. Somos. O verdadeiro, o autêntico, o único Comunismo é este Evangelho, por ser o de Cristo Jesus. (...) Amo. Respeito a pessoa humana com todos os seus atributos. Detesto a série. A tutela. A escravidão. □